

MANUELA MADUREIRA

# ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE SÃO VICENTE DE PAULO

Uma história ao Serviço da Formação

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

# Índice

Agradecimentos	9
Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	10
Prefácio	11
Introdução	15

## PRIMEIRA PARTE

Modelos de formação:

Da formação à margem do sistema à educação integrada

Capítulo I – A Escola Superior de Enfermagem de S.Vicente de Paulo: a génese, o contexto histórico e o enquadramento temporal	22
1. A Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo: da origem à transmissão	23
1.1. Entre a origem da escola e a integração no sistema	37
1.2. Da integração da escola no sistema à transmissão	44
2. A Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo: a história na história das escolas de enfermagem e da profissão	46
2.1. Um olhar sobre a literatura da história da enfermagem	52
2.2. Síntese analítica: da história aos modelos de formação	55

## SEGUNDA PARTE

Na procura de um modelo de formação em enfermagem

Capítulo I – O percurso metodológico da investigação: estudo de caso histórico organizacional	68
--	----

## TERCEIRA PARTE

Na descoberta de um modelo de formação

Capítulo I – Atores da formação: construção identitária	78
1. De aluno a enfermeiro – que percurso?	83
1.1. Opção pela realização do curso de enfermagem na Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo	90
1.2. O professor-modelo	97
1.3. Construção simbólica da identidade	104

1.4. Experiências fundadoras	123
2. De enfermeiro a professor – Os percursos	126
2.1. Os modos de integração	130
2.2. Identidade herdada	135
2.3. Identidade construída	138
3. Relação pedagógica	143
3.1. Na formalidade	145
3.2. Na proximidade	152
<b>Capítulo II – Os <i>curricula</i> na formação: Uma filosofia de apropriação</b>	160
1. Orientação filosófica e desenvolvimento curricular	165
1.1. Desenvolvimento curricular impresso na diversidade	178
1.2. A articulação teoria/prática	184
1.3. Transversalidade das dimensões ética e moral	188
1.4. Desenvolvimento de atitude científica	198
2. Orientação e ação didática	205
2.1. Na vanguarda dos modos de ensinar e aprender	207
2.2. A avaliação: um processo de crescimento dos atores	231
3. O cuidar centrado na pessoa	245
3.1. O cuidado no cuidar	249
3.2. Formar para os valores	257
<b>Capítulo III – Os contextos: espaços de formação</b>	264
1. O contexto escola – espaço de sentido e ação	267
1.1. A escola enquanto comunidade educativa	275
1.2. O contexto escola: espaço de interação	293
2. Os contextos clínicos	301
2.1. Cenários de desenvolvimento	303
2.2. Relação: escola/contextos clínicos	314
<b>As conclusões:</b>	
<b>Dimensões centrais do modelo de formação da ESESVP</b>	319
<b>Bibliografia citada e referenciada</b>	341
<b>Anexos</b>	363
<b>Posfácio</b>	367

## Prefácio

A enfermagem escreve a sua história na História da Humanidade; nascida com o desejo eterno de promover a vida, de a recuperar, de a viver melhor, de a prolongar, o Homem encontra nos cuidados (e em quem cuida) o álibi da existência: nascemos e morremos, apelando e solicitando cuidados.

A Enfermagem em Portugal, tal como outras profissões, foi alvo nos últimos anos de profundas mudanças na sua estrutura de ensino e no seu significado social. O desenvolvimento das ciências biomédicas, as profundas alterações demográficas, económicas e culturais, a diversificação do perfil de respostas suscitado por novas problemáticas de saúde, a procura de territórios específicos das profissões, a emergência de novas profissões, o debate social sobre as fronteiras das profissões, a evolução do conhecimento de e sobre a enfermagem e os enfermeiros, sobre as organizações que os formam... determinaram novas conceções de enfermagem, grande parte delas alicerçada num conceito que, não sendo novo, é teoricamente reinventado: Cuidar em enfermagem! Ser professor de enfermagem!

A ancestralidade deste termo, reescrito pela pena sábia de Françoise Collière, recoloca-nos na importância de compreender o papel dos enfermeiros no ato de prestação dos «cuidados de enfermagem»; é indispensável interrogar a história e mais em particular a história das mulheres que prestam cuidados e das instituições que as formam, pois só através da compreensão deste passado é que se pode apreender a significação original e primordial dos cuidados: estimular e mobilizar as capacidades de viver dos doentes, dos saudáveis e dos que os acompanham.

Esta obra é uma reflexão apaixonada, plena de atualidade acerca da dimensão humana da enfermagem e de uma instituição que lhe deu vida durante anos; a «Escola da Irmã Eugénia», como era conhecida, de seu nome Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo.

O livro que tenho o prazer de prefaciар *Escola Superior de Enfermagem de São Vicente de Paulo. Uma história ao Serviço da Formação* faz-me retomar esta ideia, porque transporta a narrativa vivida por uma instituição singular que deixou as suas marcas no tempo e alicerçou o seu futuro (por vezes intemporal) nos caminhos que foi inscrevendo nos seus formandos.

Na Escola de S. Vicente de Paulo, e recorro às palavras da Autora: «Os alunos eram educados para mobilizar conhecimento, ter raciocínio crítico-reflexivo e conduta ética, transmitirem a cultura e serem competentes para participar

em sistemas de saúde centrados no doente (valorização do ser humano) e na população (compreensão dos problemas sociais do indivíduo e da população), vislumbrando as suas ações na atenção à saúde da comunidade destacando-se no contexto social como um dos agentes de transformação da realidade, como membros de equipas localmente ágeis e globalmente conectados.

Os professores formavam para a excelência, primavam pela qualidade de ensino, impresso no rigor, na formação humana e na transmissão de valores, razão pela qual os cursos eram objeto de elevada procura, muito para além das vagas que eram disponibilizadas.»

No seu conceito avançado de olhar a Enfermagem e na grande preocupação com a educação científica e a preparação prática, a Irmã Eugénia Tourinho inicia na época um curso de três anos, onde foram introduzidas, sob algum vanguardismo, disciplinas como Higiene Mental e Sociologia, Psicologia, História da Enfermagem e Deontologia e Moral Profissional julgadas de grande importância para o *currículum*, «o que para a época era altamente significativo, revelando qualidade, pois os cursos de então tinham apenas dois anos».

As estratégias de investigação sobre esta realidade centraram-se na opção por um estudo inscrito no paradigma qualitativo e com um perfil sócio-histórico, num formato de estudo de caso histórico-organizacional, alicerçando os processos de recolha de informação neste mesmo paradigma, considerando as dimensões éticas relacionados com a diversidade das fontes e da pesquisa documental e o caráter nominal das entrevistas.

Segundo o Monsenhor Feytor Pinto a história de uma instituição faz-se «pelas pessoas que nela viveram e que intervieram para lhe dar forma» [...] «a história da Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo são as enfermeiras que a fundaram e nela trabalharam, são os profissionais que nela aprenderam a dar-se ao outro no gesto técnico e no gesto humano, são os alunos de ontem... os profissionais de hoje», narra a Autora.

Sem pretender antecipar as conclusões que o leitor a seu tempo desvendará no texto, a obra de Manuela Madureira transporta-nos para uma parte do «seu» mundo:

- O da sua história de mulher, empenhada no ser e estar de uma sociedade centrada no humano e envolvida numa força hercúlea que a move para além do tempo;
- O da sua vida como enfermeira dedicada e comprometida com o bem-estar e com a saúde do seus semelhantes, envolvidos no sorriso contagiante de serem colocados em primeiro lugar;

- O do seu percurso como professora, o que a levou a retomar os bancos da escola na certeza de que o saber «não ocupa lugar» e de que os caminhos se fazem caminhando;
- O seu traço como investigadora, que, qual pintor aprimorado, busca no desenho da investigação a identidade de um projeto em construção e as cores esmeradamente escolhidas e adequadas ao objeto de trabalho.

O perfil da investigadora, o seu compromisso com a formação e o «apreço» pela narrativa sócio-histórica vão-nos fazendo descobrir uma instituição de formação em enfermagem *sui generis*, tal como nos desvendam as palavras de alguns dos atores do estudo:

- *«Escolhi S. Vicente de Paulo por ser uma Escola de referência na altura, ... que depois se manteve!»*
- *«Marcou-me a Enfermeira... pela sua grande humanidade, pelo amor e carinho com que nos ensinava a tratar o doente...»*
- *«A minha formação inicial em S. Vicente de Paulo marcou a minha vida até hoje!»*
- *«Tudo o que fiz na Escola, foi sempre apaixonada... é fantástico que não dei uma aula que não gostasse, um estágio que não gostasse de ir...»*
- *«... uma Educação muito familiar..., uma Formação muito próximas, e uma grande Formação Humana, de valores, de saber estar, de saber..., de saber abordar, de respeito mútuo intercultural, inter-religioso...»*
- *«A Escola era uma Escola evoluída, que tentava estar sempre atualizada, seja no método seja nos meios e nos conteúdos...»*

Poderíamos levar à exaustão o enorme manancial de documentos escritos, ora manualmente ora com meios técnicos mais evoluídos, de registos fotográficos... que a autora organizou, construiu, desconstruiu e reconstruiu, nomeou e renomeou, codificou...; fica nesta obra um registo sócio-histórico para as gerações vindouras de enfermeiras e enfermeiros e suas instituições que recebem uma seara madura, mas que, como todo o campo que atinge a madurez, precisa (parafraseando Freinet) ser cuidada: «É na semente, ou na planta nascente, que o jardineiro esclarecido cuida e prepara o fruto que nascerá.»

Em jeito de conclusão e com a singeleza que as palavras me permitem, não queria terminar sem dizer que acompanhar este percurso de investigação foi um privilégio:

- Pelo que aprendi com a Autora. Com o seu rigor, o seu entusiasmo e a alegria de estar de bem com a vida.
- Pelo espaço de partilha que foi possível construir na caminhada.
- Pelo enriquecimento pessoal que a partilha permitiu que acontecesse.

- Pelo que as páginas do livro não dizem, mas os caminhos da vida vão permitindo a reconstrução da história e das histórias em que a enfermagem acontece.

Em síntese, o modelo de formação da ESESVP era fortemente ancorado em elevados padrões de qualidade, numa temporalidade histórica de 69 anos, sendo transversal a múltiplas correntes de pensamento e a uma filosofia humanista cristã, adquirindo neste friso cronológico uma representação social francamente positiva que fez deste modelo um modelo centrado na pessoa humana de tendência afetiva.

Um bom augúrio para as gerações vindouras!

Cuidemos a seara: da semente ao pão que sacia: um serviço à formação de enfermeiros!

Porto, 21 de setembro de 2017  
Maria Arminda Mendes Costa

## Introdução

*«Quando não se quer perder uma lembrança que não mais se sustenta por si mesma na consciência dos grupos, é comum então que essa lembrança seja eternizada, que seja registrada, transformando-se então em memória histórica»*

Wilson Abreu, 1998

Há alguns anos que a história da enfermagem tem despertado o interesse dos enfermeiros pela percepção de que o conhecimento das suas origens e evolução, o assumir de uma herança, ajudam a obter identidade e significado pessoal, melhora a compreensão e a capacidade de avaliar e julgar os acontecimentos que possam afetar a sua carreira, melhorando o planeamento e validando a crítica social. Como diziam Campos, Oguisso e Freitas em 2007, sem o resgate da memória não há como sustentar a identidade profissional, não há como projetar o futuro ou as ações que dele farão parte. A análise crítica e dialética dos caminhos percorridos pela enfermagem é o meio eficaz para o fortalecimento da profissão pelo que a história da enfermagem redimensionada pela cultura dos cuidados deve ser valorizada como fundamental para o desenvolvimento da assistência, pois compreender o próprio passado no que diz respeito às causas e tendências pode ajudar a esclarecer condutas ou práticas presentes (Padilha & Borenstein, 2005). Os enfermeiros necessitam de conhecimento para a sua prática, na lógica de que o seu contrato social e o compromisso de prestação de cuidados culturalmente competentes exigem conhecimento e compreensão profundos (Streubert & Carpenter, 2013).

A importância dos estudos históricos para a enfermagem não reside apenas na preservação de recordações do passado, mas, na interpretação desse passado como uma necessidade social, pois, na opinião de Barreira (1999), a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente enquanto produto histórico, dependendo, as versões históricas sobre a enfermagem, dos vestígios deixados por pessoas em um tempo e um lugar. A história serve para elucidar o contexto vivido e fornecer os significados desse contexto. A memória da profissão constrói-se através da investigação histórica, sendo esta um desafio constante, pois sem passado não há significado para o presente nem se pode desenvolver um sentido próprio, quer



como indivíduos quer como profissão, realçando-se aqui a importância deste tipo de pesquisa na descoberta, consolidação e amadurecimento da profissão.

O conteúdo de história da enfermagem constitui uma das bases fundamentais para o conhecimento da própria profissão e ajuda a compreender a sua perspectiva contextual, além de desenvolver capacidade de reflexão conferindo herança profissional e identidade a quem se dedica a este estudo (Oguisso, 2012). Na nossa prática, enquanto enfermeiros e docentes e no contexto da evolução da profissão, a compreensão e reflexão sobre o passado revelou-se crucial na melhoria dos cuidados de enfermagem, devido à natureza holística da essência da enfermagem. A capacidade de analisar os acontecimentos passados traz significado e textura aos cuidados de enfermagem e influencia o modo como formamos enfermeiros, explicam Streubert e Carpenter (2013). Os mesmos autores afirmam mesmo que, *«se os enfermeiros não colherem dados do passado, irão – devido à ignorância – colocar em grande perigo as decisões relativas às necessidades de cuidados de saúde dos clientes e a oportunidade futura de alcançar um nível mais elevado de bem-estar»* (2013, p. 227).

Já Nunes (2009) expressa que o interesse da história decorre da pergunta primordial do conhecimento acerca de quem somos e de onde viemos – e isto (re)envia-nos a uma pesquisa da memória. A autora reforça a ideia de que sem memória não existimos porque também não podemos lembrar-nos o que aconteceu sendo, portanto, necessário conservar o evento e, para a narrativa, dar-lhe um sentido pois *«sem a visão do passado e dos caminhos percorridos, não podemos segurar uma identidade profissional; ademais, o conhecimento do passado alicerça um olhar mais sustentado em direção ao futuro»* (p. 6).

Tholfesen (1977), por sua vez, concorre com a opinião de que os investigadores devem estudar cada período dentro do contexto da sua era para evitar julgar ou interpretar o passado sem respeito pelas mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Pesquisar uma instituição de ensino de enfermagem é, segundo Carrijo e Leite (2011), uma forma de estudar a filosofia e história da educação em enfermagem do seu país, contribuindo para a consolidação da memória da profissão e fortalecimento da sua identidade. A pesquisa no campo da história das instituições demonstra a importância do registo, para que a memória da instituição não desapareça uma vez que ela produz e reproduz culturas por meio da sua atuação na sociedade e das relações estabelecidas no seu interior.

A investigação que desenvolvemos e que ao longo deste relatório tentamos desvelar, tange a compreensão do modelo de formação e onde pretendemos (re)escrever, em traços largos, a evolução (multidimensional) da Escola Superior

de Enfermagem de S. Vicente de Paulo (ESESVP) enquanto instituição educativa de enfermagem portuguesa desde a sua fundação até à transmissão para a Universidade Católica Portuguesa (UCP), a par da evolução das principais políticas sociais e educativas.

Assim, o que nos propomos estudar, advém do facto de a Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo, criada a 14 de novembro de 1937 pela Irmã Eugénia Tourinho, das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo, ter sido integrada no Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da UCP a 30 de novembro de 2006 (69 anos de existência) tendo, então, perdido a sua denominação, e, por isso, ser passado, tornando-se, em nosso entender, pertinente historiar e registar esse *passado*. Para tal desiderato necessitamos de recuar no tempo e perceber que circunstâncias estiveram na sua origem e como foi concebida, como evoluiu, que saberes mobilizava, como estava estruturada, quais as características dos espaços que utilizava, como decorria o seu quotidiano.

Em consequência, e sendo a História a ciência da *res gestae* do que fomos no passado (procurar as fontes, os documentos escritos e iconográficos, história oral) para se compreender e interpretar o presente, surge a nossa problemática, sabendo que a escolha da mesma não dependeu do acaso ou da simples inspiração pessoal do investigador. Ele próprio faz parte dessa época, dos seus acontecimentos marcantes, dos seus debates, sensibilidades e correntes de pensamento em evolução (Padilha & Borenstein, 2005).

A nossa problemática tem, assim, como centro a análise do *Modelo de Formação da Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo e o contributo dado ao Ensino de Enfermagem*.

Enquanto investigador, e fazendo parte da história da Escola com seus «*problemas e sensibilidades*» a construção desta problemática tem, também, como propósito (lida à luz do rigor científico da Investigação):

- Não deixar que o tempo apague na memória retalhos de uma História cheia de significado na vida daqueles que à Escola se sentem ligados na lógica de ter formado 5531 profissionais enfermeiros (Figueiredo & Madureira, 2010);
- Dever social de leitura da Instituição – reconhecida como formadora – e ser-lhe imputado, pelos atores intervenientes e seus pares, prestígio e credibilidade pedagógica e qualidade formativa.
- Retribuir à sociedade interpretativamente o contributo que a Escola deu para a evolução da Enfermagem, inserindo-a no contexto da atualidade.

Este estudo surge, também, como pretexto para registar, não só, a história e memórias da Escola, mas conhecer a sua ação e importância no contexto social, cultural, na formação de enfermeiros e no desenvolvimento da profissão ao

longo do todo o período formativo, num registo social de uma consciência do passado, dado estar sinalizada como uma «*Escola que forma enfermeiros, prepara-os tecnicamente, cria-lhes exigências técnicas, responsabiliza-os pela humanização das unidades, dá-lhes o porquê de uma profissão e de um serviço à comunidade*» (Ribeiro, 1987, p. 2), estando, por isso, convictos de que para a História das Instituições Educativas e Disciplina de Enfermagem, este estudo terá pertinência e utilidade.

Assim, contextualizados no pressuposto enunciado, desenvolvemos um trabalho de investigação de carácter sócio-histórico, estudo de caso histórico organizacional, que visasse desocultar um fenómeno – a Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo – modelo de formação – não validado, ou pouco certificado, do ponto de vista científico.

Como a relação do passado com o presente se estabelece na busca do conhecimento, formulamos como questão central:

– *Que modelo de formação de enfermeiros praticou a Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo no período delimitador do estudo vinculado à sua existência (1937-2006).*

Para dar corpo à ideia que preside a este estudo, construímos esta pesquisa tendo partido à procura de factos e acontecimentos que marcaram um tempo desta Instituição Educativa, para deles poder extrair as interpretações suscetíveis à compreensão do passado, colocando-nos no percurso de um friso cronológico, balizado por duas datas: a que marca a criação da e a que assinala a transmissão da Escola para o Instituto de Ciências da Universidade Católica.

Através da documentação disponível e com base nas questões colocadas aos professores e alunos da Escola, testemunhos e atores de um percurso que sendo individual é também coletivo, sobre a problemática a analisar, onde se conduziram os sujeitos a pensar no tempo de formação na ESESVP, a analisar, pela vivência, o percurso escolar, a formação tida e os contextos e, a identificar o(s) significado(s) da Escola enquanto (sua) instituição formativa e/ou formadora, recorrendo, para isso, às suas memórias de experiências vividas e visão sábia de quem construiu o passado da formação em enfermagem, foi nosso propósito obter conhecimento sobre a forma como se desenvolveu a formação dos enfermeiros e desocultar os desígnios orientadores do modelo de formação da ESESVP, impresso em valores humanistas consolidados, forte tradição e cultura muito vincadas que serviram de alicerce a uma identidade institucional de reconhecido prestígio. Sabemos por Dubar (2007) que nunca se constrói a identidade sozinho pois ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das próprias orientações e autodefinições.

Este estudo surge, assim, do nosso interesse pessoal ancorado em laços de proximidade, consciente da aproximação temporal e afetiva à Escola, aos professores que lá lecionaram, às administrativas, e todas as pessoas que lá trabalharam, às Irmãs com quem convivemos e que nos *cuidaram*. E o desejo de não deixar que o tempo apague na memória retalhos de uma história cheia de significado na vida daqueles que à Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo se sentem ligados.

O presente trabalho constitui, por isso, uma problemática a que a investigadora não era indiferente, dada a vivência, na primeira pessoa, do processo que investiga, mas onde, como investigador, se pretendeu num primeiro momento tornarmo-nos distantes daquilo que já nos era (conscientemente) familiar e num segundo momento tornarmo-nos familiares daquilo que se apresentava como diferente (Caria, 1994).

Do ponto de vista estrutural, o presente documento desenvolve-se ao longo de três partes: após a *Introdução*, onde se dá enfoque ao campo e problemática da investigação, enquadramento e justificação da pesquisa, surge a Primeira Parte onde apresentamos a história de uma instituição considerada ao tempo da sua criação vanguardista – a Escola Superior de Enfermagem de S. Vicente de Paulo. Aí lembramos o processo que levou à sua criação, sublinhamos o contributo da sua fundadora, a Irmã Eugénia, e revelamos aspetos e factos do *caminhar* existencial da Escola, destacando algumas das pessoas significativas para a vida da Instituição.

Na continuidade deixamos registo de um breve apontamento histórico e social das principais alterações e repercussões ocasionadas pelas reformas educativas que ocorreram entre 1937 e 2006, enquanto *janelas temporais* deste estudo, pretendendo compreender as mudanças operadas no ensino de enfermagem que direta ou indiretamente influenciaram o modelo de formação da ESESVP.

A Segunda Parte deste trabalho sistematiza todo o desenho metodológico onde se apresentam as estratégias de investigação e a opção por um estudo inscrito no paradigma qualitativo com um perfil sócio-histórico, num formato de estudo de caso histórico organizacional, bem como os processos de recolha de informação, de tratamento e análise da informação considerando as dimensões éticas relacionados com a diversidade das fontes, da pesquisa documental e o carácter nominal das entrevistas.

Na Terceira Parte, dedicada ao campo empírico, procuramos a *descoberta do Modelo de Formação da ESESVP*, e nela somos conduzidos por uma sequência de capítulos que decorrem da análise de dados e do sistema de categorização,

onde se apresenta o percurso analítico e interpretativo dos discursos dos alunos e professores participantes do estudo e onde é feita a interceção com a produção existente, registos e documentos disponíveis relativos ao que se está a pesquisar, e discutidos os resultados desta investigação. Aqui são, também, enfatizados os caminhos percorridos e as opções feitas na formação dos novos enfermeiros, arquitetados pelos três domínios considerados na construção do modelo de formação, *os atores, os espaços de formação e os curricula escolares*.

Por último sistematizam-se, a partir das evidências, as principais conclusões que suportam o *Modelo de Formação da ESESVP* e tecem-se considerações finais nas quais almejamos traçar um olhar geral sobre os aspetos trabalhados ao longo da investigação, incluindo a apresentação das limitações do estudo e considerar o universo de possibilidades investigativas em história social da enfermagem e da formação em enfermagem e modelos de ensino, em contextos organizacionais, alocadas à História da Enfermagem Portuguesa ou à História das Instituições de Ensino.

A bibliografia citada e referenciada ultimam este documento.

Vejamos, então, numa apropriação do conhecimento do passado, como é que este espaço formador – a ESESVP – se originou, desenvolveu, aprimorou, capacitou e qualificou os seus enfermeiros... como era a organização didático-pedagógica, que bases teóricas...

*Que modelo de formação?*